



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Rapoport, Andrea; Piccinini, Cesar Augusto

O Ingresso e Adaptação de Bebês e Crianças Pequenas à Creche: Alguns Aspectos Críticos

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 14, núm. 1, 2001, pp. 81-95

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18814107>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O Ingresso e Adaptação de Bebês e Crianças Pequenas Alguns Aspectos Críticos

Andrea Rapoport^{1,2}

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Cesar Augusto Piccinini

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

O presente artigo examina algumas questões teóricas e estudos empíricos acerca do ingresso de bebês e crianças na creche. Analisa-se, em particular, a problemática da separação precoce e as consequências para o desenvolvimento infantil. Discute-se, ainda, os fatores que interferem na adaptação dos bebês e crianças às estruturas e situações estressantes no contexto da creche. Embora haja consenso sobre a complexidade do período de adaptação, existem inconsistências entre os estudos sobre o período mais adequado para ingresso na creche, sendo que algumas pesquisas são mais críticas. De qualquer modo, a adaptação à creche depende de diversos fatores, o que não permite basear-se em um ou outro fator isoladamente.

Palavras-chave: Creche; adaptação à creche; comportamento de enfrentamento.

The Entrance and Adjustment of Infants and Toddlers to Daycare Center: Some Critical Aspects

Abstract

The present article examines some theoretical aspects and empirical studies related to the entry of babies and young children into the daycare center. The problems of early separation and its consequences to child development are also examined. The factors which interfere in adaptation to the daycare center and the infant's coping with potentially stressful events. Although there is consensus about the complexity of the period of adaptation, there are some inconsistencies among the studies about the most adequate period for entering daycare center, pointed out as more critical. In any case, the adaptation to daycare center depends on various factors, which makes it difficult for us to make predictions based on any isolated factor.

Keywords: Daycare center; daycare adjustment; coping behaviors.

O contexto social das últimas décadas, em que as mulheres estão entrando cada vez mais no mercado de trabalho tem exigido novas opções para o cuidado alternativo de bebês e crianças pequenas. Quando se fala em cuidados alternativos, estes abrangem quatro tipos

1994). Embora isto varie entre países, as principais opções adotadas no mundo alternativo é a creche.

Inicialmente, as creches no mundo alternativo eram estabelecimentos de população

uma instituição educativa, sendo um direito da criança, uma opção da família e um dever do Estado. A partir da nova LDB (20/12/1996) a creche passou a ser incluída como parte da educação infantil responsável pelas crianças até os três anos de idade e as pré-escolas para crianças de quatro a seis anos.

A entrada de bebês na creche, especialmente durante o primeiro ano de vida é um tema que tem gerado controvérsias no meio científico e leigo, pois implica em separações diárias do bebê de sua mãe, enquanto ele ainda é muito pequeno. Embora muitas pesquisas tenham examinado as consequências para a criança de seu ingresso na creche, um número mais reduzido tem investigado o processo de adaptação da criança à creche, principalmente em relação à criança menor de dois anos (Fein, 1995; Fein, Gariboldi & Boni, 1993; Zajdeman & Minnes, 1991). O trabalho com crianças pequenas requer cuidados especiais e o planejamento do atendimento é diferente do realizado com as crianças maiores. Deste modo, estudos nesta área são fundamentais, principalmente dentro do novo contexto social em que muitas mães precisam retornar ao trabalho poucos meses após o nascimento do filho.

Neste sentido, espera-se com o presente trabalho contribuir para a compreensão do processo de adaptação de bebês à creche e para capacitação dos profissionais que atuam nesta área. Inicialmente examina-se a problemática sobre separação precoce, e as eventuais consequências de cuidados alternativos para o desenvolvimento infantil. A seguir analisam-se diversos fatores que interferem no processo de adaptação à creche. Por fim, discute-se a literatura sobre as estratégias do bebê para enfrentar os eventos potencialmente estressantes durante a adaptação à creche.

A Separação Mãe-Criança como Objeto de Estudo

Não se podem examinar as questões teóricas sobre separação mãe-criança e suas consequências sobre o desenvolvimento infantil sem considerar a questão

estavam separadas de suas mães e eram internadas por problemas de saúde e questões hospitalísticas.

Além destes, o estudo solicitado pela Organização Mundial da Saúde a Bowlby em 1951, intitulado *Maternos e Saúde Mental*, teve forte repercussão científica. Neste estudo ele ressaltou as influências para o desenvolvimento da personalidade materno inadequado na primeira infância. As separações neste período (Bowlby, 1995, 1999, 1999) enfatizou que seria essencial para que o bebê e a criança pequena tivessem uma interação calorosa, íntima e contínua com a mãe (de preferência com a mesma) e que fosse prazerosa e satisfatória para o autor, uma personalidade estável e adaptada ao mundo. Construiria a partir da certeza de contar com a presença das figuras de apego e maturidade que poderiam ser atribuídas à privação do apego ou descontinuidade na relação da criança com a figura materna durante os primeiros anos de vida. Com a mãe seria fundamental nos três primeiros anos de vida da criança, mas não devia ser complementada pelos cuidados de outras pessoas, pai, irmãos, parentes e outros.

A teoria do apego de Bowlby (1995) sustenta que a tendência para se estabelecerem vínculos de apego com determinada pessoa é uma necessidade tão importante quanto a alimentação e o sono. O vínculo de apego que a criança estabelece com a figura materna principal depende da responsividade e sensibilidade da pessoa com a criança e não da satisfação das necessidades primárias da criança pelo adulto. Além disso, o estudo assinalou que o longo período da infância é uma fase de vulnerabilidade e impotente para a criança, principalmente nos primeiros anos de vida, quando a função de sobrevivência, já que busca manter uma proximidade segura com a figura materna. Quando a figura materna

variariam conforme circunstâncias próprias do indivíduo e da situação. O desenvolvimento do apego requer que a criança tenha a capacidade cognitiva de manter sua mãe na memória quando ela não está presente, capacidade esta desenvolvida na segunda metade do primeiro ano (Bowlby, 1989). A visão de um estranho provoca uma resposta de medo em algumas crianças de sete meses e em quase todas de nove meses. Na mesma época em que a criança começa a ter medo de pessoas estranhas passa também a temer objetos e situações estranhas. Ao final do primeiro ano, o bebê aproxima-se do familiar e das coisas agradáveis, afasta-se quando percebe situações potencialmente perigosas e evita o desconhecido e o desagradável. Estas reações são vistas como uma resposta adaptativa fundamental (Bowlby, 1973/1993). Em geral, a angústia durante a ausência materna tem um pico em torno dos dezoito meses e começa a decrescer até que aos três anos de idade a angústia de separação é menos observada (Weinraub & Lewis, 1977).

As reações da criança à separação materna têm sido distinguidas entre o protesto de separação e a angústia de separação (Bowlby, 1973/1993). O protesto de separação refere-se à resposta de protesto da criança à situação durante a qual a mãe a deixa e a angústia de separação refere-se à resposta da criança por ter sido deixada por sua mãe. Bowlby definiu, ainda, algumas formas de comportamento que são indicativas de medo, despertado pela separação ou por situações, pessoas e lugares estranhos. Exemplos destes comportamentos são o olhar de cautela, inibição da ação, expressão facial assustada, tremor ou choro, busca de abrigo, esconder-se e agarrar-se a alguém. Estas formas de comportamento indicativas de medo são seguidas por três tipos de resultados previsíveis: imobilização, distância crescente de um tipo de objeto (ameaçador) e proximidade crescente de outro tipo de objeto (capaz de fornecer proteção).

Existem diferenças nas reações da criança à separação materna prolongada. Enquanto algumas crianças parecem lidar com a separação de maneira mais fácil, outras

familiar e/ou em um ambiente familiarizado, seja da mãe ou da figura de apego ou de cuidadores alternativos, outras respondem a estímulos novos e faceiros em um ambiente desconhecido.

O trabalho de Bowlby é o ponto de partida para que se dedicam ao estudo do apego, especificamente, na área do apego e cuidados alternativos. Dentro desse campo, examinam-se, a seguir, estudos sobre as consequências da entrada de crianças em cuidados alternativos, principalmente em sua vida.

Conseqüências da Entrada em Cuidados Alternativos para o Desenvolvimento da Criança

Embora atualmente não seja mais visto a criança como um ser passivo, mas sim um sujeito capaz e ativo, com um papel importante no seu próprio desenvolvimento, esta nova visão de unidade às diversas visões sobre o desenvolvimento da criança no ambiente no desenvolvimento (Zigler, 1986). A partir de diferentes teorias, muitas pesquisas começaram a examinar as consequências da separação materna a curto e longo prazo, sobretudo emocional, social e intelectual, bem como as consequências dos cuidados alternativos para o desenvolvimento da criança tanto quanto para os cuidados inconsistentes (Chase-Lansdale, Greenberger & Nagel, 1996; Minkler, 1988). Isto pode ser atribuído a fatores que podem estar associados a cuidados alternativos (Bates, Gamble & Zigler, 1986); a abordagens metodológicas (Hinde, 1985); e à dificuldade em se avaliar a qualidade de apego (Clarke-Stewart, 1985; Hubbs-Tait & Rieser-Danner,

quando comparados com os bebês cujas mães permaneceram em casa durante o primeiro ano de vida.

Com a mesma proposta de avaliar o apego de crianças em cuidados alternativos, Belsky e Rovine (1988) realizaram um estudo longitudinal comparando crianças que entraram antes dos nove meses em cuidados alternativos com aquelas cuidadas exclusivamente pelas mães. Os autores encontram que aos 12 meses crianças com 20 horas ou mais por semana em cuidados alternativos tiveram mais probabilidade de apresentarem apego inseguro. Isto era acentuado no caso de meninos em cuidados alternativos em tempo integral que tinham mais probabilidade de apresentarem apego inseguro do que meninas. Não foram encontradas diferenças entre as crianças que permaneciam em cuidados alternativos por menos de 20 horas e as que permaneciam em casa cuidadas exclusivamente pelas mães. Em outra pesquisa, Belsky e Braungart (1991) também encontraram que crianças com mais de 20 horas semanais de cuidado alternativo no primeiro ano de vida apresentavam mais negatividade, menos independência, choravam mais e se engajavam menos em jogos do que crianças com menos horas em cuidados alternativos.

Considerando que existem fases durante as quais parece ser mais difícil para a criança lidar com separações, Varin, Crugnola, Molina e Ripamonti (1996) estudaram crianças de três anos que haviam entrado no mesmo tipo de creche desde os seis meses. Os resultados mostraram vantagens e desvantagens do ingresso precoce na creche. Nem todas as crianças que ingressam na creche antes de um ano apresentariam risco de desenvolver problemas emocionais, mas algumas seriam menos hábeis em lidar com o estresse da separação precoce. Os resultados mostraram que crianças que entraram na creche entre 6-11 meses e 18-23 meses experienciaram mais reuniões difíceis com os pais, em comparação com aquelas que entraram entre 12-17 meses ou depois dos 24 meses. O grupo de 6-11 meses apresentou também mais

numa creche de boa qualidade têm mais tempo para aprender a brincar com os

Alguns autores têm apontado para a negativa entre cuidados alternativos e posterior da criança, especialmente no Brasil (Chase-Lansdale & Owen, 1987; Gamble & Goldberg e cols., 1996). Um estudo realizado por Lansdale e Owen (1987) examinou famílias que não trabalhavam fora e outras cujas mães trabalhavam fora e retornaram ao trabalho quando das crianças tinham duas semanas e seis meses. Os dados revelaram que as mães que voltaram com menos de seis meses, de mães que voltaram com mais de seis meses, de mães que voltaram com mais possibilidade de deixar suas crianças em casa com mais probabilidade de apresentarem apego inseguro do que meninos filhos de mães que voltaram ao trabalho. No caso das meninas, não foram encontrados efeitos negativos. Os autores sugeriram que as meninas cujas mães trabalhavam fora eram tratadas por seus pais com apropriada sensibilidade, porque os pais esperavam que elas se adaptassem ao ambiente de trabalho oferecendo-lhes menos apoio do que às meninas cujas mães permaneciam em casa. Estas eram geralmente vistas como mais dependentes, e a adaptação ao ambiente de trabalho era compensado com uma responsabilidade mais consistente.

Além disso, o estresse da mãe pode ser resultado da disponibilidade emocional e física, tanto negativos para a interação mãe-criança quanto positivos, que podem afetar o apego (Gamble & Zigler, 1986). Mulheres que trabalham freqüentemente se sentem pressionadas por ter que lidar com duas jornadas de trabalho. Algumas demonstram menor sensibilidade aos seus bebês porque estão cansadas, enquanto outras, provavelmente tentam encorajar a independência de sua criança o mais possível. Contudo, exigir que as mães permaneçam em casa cuidando do bebê não contribui para um apego seguro, especialmente quando a mãe não tem opções de trabalho ou precisa fazê-lo em função de suas condições financeiras limitadas (Berk, 1991).

Contrariando em parte os resultados

os autores, estes resultados sugerem que os cuidados alternativos precoces podem ter efeitos negativos para crianças que apresentavam apego seguro, enquanto que para crianças com apego inseguro podem ser um fator protetivo, especialmente para sua auto-estima e na área social. Os cuidados alternativos, neste caso, podem compensar uma relação empobrecida com a mãe, através de cuidados mais estáveis e consistentes no ambiente de cuidado substituto.

Outros estudos também não encontraram resultados significativos quanto às consequências negativas dos cuidados alternativos iniciados no primeiro ano de vida do bebê. Por exemplo, num extenso estudo americano realizado pelo NICHD (1997) foram investigadas as condições sobre as quais a rotina de cuidados alternativos experienciada pelas crianças nos seus primeiros 15 meses de vida podia levar a um aumento nos índices de apego inseguro. Os resultados não indicaram diferenças na classificação do tipo de apego entre os bebês cuidados pelas mães e aqueles em cuidados alternativos. Nenhum dos fatores relacionados aos cuidados alternativos (qualidade, quantidade, idade de ingresso, estabilidade ou tipo de cuidado) apareceu associado com o tipo de apego do bebê. Houve, entretanto, efeitos significativos relacionados à sensibilidade e responsividade materna. Bebês cujas mães apresentavam baixa sensibilidade e responsividade e que recebiam cuidados alternativos de baixa qualidade ou cuidados não estáveis, eram menos propensos a terem apego seguro.

Dentro desta mesma perspectiva, Thompson (1990) reanalisou os dados de Belsky e Rovine (1988) e de Barglow e colaboradores (1987) e não encontrou diferenças na incidência de apego seguro entre grupos de cuidados alternativos. Embora bebês com cuidados alternativos extensivos nestes dois estudos tenham mostrado uma tendência maior para apego evitativo, esta diferença não foi substancialmente diferente do esperado. Como a maioria dos bebês com experiência de cuidados

muitas creches de má qualidade ao grande número de crianças das eventuais trocas de escola, instabilidade na relação da criança com os pais, que é submetida a muitas separações e formação de novos vínculos e laços. Howes (1990) pesquisou crianças de boa e má qualidade. As crianças de centros de má qualidade apresentaram mais dificuldade com pares quando classificadas por suas educadoras como mais distraídas e menos atentas. Aquelas crianças que entraram em centros de boa qualidade eram diferentes daquelas que ingressaram

Com base nestes estudos p fundamental não parece ser o mas a qualidade destes cuida para o desenvolvimento in importância de se examinar a alternativo, vários autores (D Howes, 1990; Zajdeman & empenhado em definir critérios cuidados alternativos, como s

O Processo de Adaptacão

Embora muitos autores reforçam que os primeiros dias na creche é quando se organizarem atividades específicas e designado como período de consenso quanto à definição de como se caracteriza o período de adaptação, a adaptação teria início nos primeiros dias da creche, pois as primeiras horas de convivência entre os pais e a forma como estes vão se relacionar com a instituição (Vitória & Rossetti-Ferreira, 1999) envolveria desde o momento em que o bebê chega à creche até o final do primeiro mês.

Buscando compreender o ingresso à creche, alguns estudos têm mostrado que tanto as mães como as educadoras descrevem as primeiras semanas em cuidados alternativos como altamente estressantes especialmente para bebês e crianças pequenas. O ambiente desconhecido, as novas rotinas, a alimentação, as pessoas não familiares, as separações diárias e a ausência da mãe colocam-lhes uma significativa exigência social e emocional (Davies & Brember, 1991). Porém, a adaptação muitas vezes é difícil não só para a criança, mas também para a família e a educadora, pois implica em reorganizações e transformações para todos. A forma como este processo é vivenciado pelas pessoas envolvidas influencia e é influenciada pelas reações da criança (Rossetti-Ferreira, Amorim & Vitória, 1994). Deste modo, é importante que no período de adaptação a mãe/pai ou outro familiar fiquem junto à criança para auxiliar na exploração deste ambiente estranho e no estabelecimento de novos relacionamentos com as educadoras e outras crianças (Bloom-Feshbach e cols., 1980; Balaban, 1988b). Lamentavelmente isto ainda não é uma prática difundida em todas as creches como demonstra uma pesquisa realizada por Rapoport e Piccinini (2000). O levantamento feito com educadoras de creches da grande Porto Alegre mostrou que apenas um terço das educadoras falaram sobre a importância dos pais ou outro parente permanecer junto à criança no período de adaptação. Em grande parte das creches esta prática facilitadora de uma adaptação com mais sucesso, simplesmente não é adotada.

As pesquisas mostram que as crianças manifestam diferentes reações durante o período de adaptação e estas muitas vezes são utilizadas para classificá-las como bem ou mal adaptadas. Por exemplo, o choro é comum entre crianças durante este período, tanto na chegada quando a criança é deixada na creche pelos pais, como na saída, quando os pais retornam para buscá-la. Mas o choro não é a única reação de perturbação possível por parte das crianças. Existem outras reações possíveis, como

resistente a infecções. Além disso, a criança com relutância dos pais pela manhã, no final do dia com pouco entusiasmo (P...). Esta criança que parece indiferente nos pais freqüentemente provoca preocupação e culpa nos pais, ainda mostrem que este é um aspecto normal da adaptação.

Dois instrumentos recentes foram de o objetivo de examinar indicadores creche. Um deles é a escala de adaptação de Crugnola, Molina e Ripamonti (1996), num interessante instrumento que avalia de indicadores de mal-adaptação da criança à creche, a saber: 1) pobreza no comunicação da criança com adultos e expressão de sentimentos positivos e prazeres nas atividades da creche; 2) sofrimento em relação ao objeto de apego, o que também estende uma necessidade geral de estabilidade e segurança diante das mudanças; 3) reações agressivas com os educadoras, com atividade motora e brincadeira com conteúdo destrutivo, bem como baixa capacidade de controle; 4) dificuldade geral durante o dia de se separar dos pais, envolvendo comportamento evitativo; 5) baixa tolerância à frustração e ausência de resiliência e dificuldade em ser confortado; 6) ansiedade de separação, expressa pelos gestos de agarrar-se aos pais durante a separação e protestar; e, 7) recusa ao grupo da creche, baseada em hostilidade com as rotinas da creche, brigas com seus próprios brinquedos em padrões de agressividade.

O segundo instrumento foi desenvolvido por Gariboldi e Boni (1993) para observar bebês e crianças pequenas à creche. As seguintes comportamentos é codificados de acordo com sua freqüência: 1) interesse em brinquedos; 2) interação com pais; 3) interação com outras crianças; 4) fuga e rejeição. Tais comportamentos são classificados em três níveis de intensidade.

esta reação nem sempre seja evidente (Bloom-Feshbach e cols., 1980). Brazelton (1994) enfatizou que muitos bebês e crianças pequenas que adaptam-se bem de início podem logo depois começar a dar sinais de regressão em casa. Podem aparecer sintomas que, aparentemente, nada têm a ver com a creche, como problemas de sono e alimentação e acessos de raiva que já pareciam superados.

Deste modo, para avaliar a adaptação de um bebê ou de uma criança à creche, é importante considerar o tempo em que estão na creche. O processo de adaptação não se resume aos primeiros dias, mas pode durar meses. Faltas freqüentes ou irregularidades nos horários de entrada e saída dificultam a adaptação, que tende a se estender por mais tempo (Vitória & Rossetti-Ferreira, 1993). Além disso, as reações à separação nem sempre desaparecem quando a criança está satisfeita e adaptada à creche. Por exemplo, o período após as férias e as segundas-feiras quando as crianças deixam suas casas após o fim de semana com os pais são eventos que podem estar associados a retrocessos (Balaban, 1988a).

Com o objetivo de examinar a resposta de crianças à separação nos três primeiros meses na creche Bloom-Feschbach, Bloom-Feschbach e Gaughran (1980) investigaram comportamentos diretamente relacionados com a separação como choro, protesto verbal, ficar grudado nos genitores, bem como comportamentos diretamente relacionados com a educadora. Os autores constataram que as expressões de sofrimento na separação podiam perdurar durante quatro semanas e ainda estar associadas com uma adaptação positiva, sendo o protesto direto uma reação natural e esperada à separação, parte de uma adaptação saudável à creche. A adaptação problemática esteve particularmente associada aos padrões de resposta à separação que envolviam o comportamento apático, retraído e distante da criança.

No estudo realizado por Fein e colaboradores (1993), com crianças de quatro a 19 meses os autores verificaram que assim que o ambiente se tornava familiar, as crianças

Fatores que Interferem na Creche

Existem muitos outros fatores estudados, que interferem nas adaptações de bebês e crianças pequenas aos cuidados de terceiros. Neste caso, eles podemos destacar sentimentos de saudade, ingresso do filho na creche, a separação da mãe, a idade da criança e a qualidade do atendimento. Na maioria das vezes, estes fatores são interrelacionados, tornando difícil examinar o papel de cada um no processo de adaptação aos cuidados de terceiros. Para facilitar sua análise, eles são abordados separadamente.

Um primeiro fator que influencia a separação é o período de adaptação da família, principalmente a mãe à entrada do filho na creche (Ferreira & Amorim, 1996). É comum os pais se sentirem inseguros e desconfiados, principalmente do primeiro filho e se for ainda mais difícil para os pais se separarem, que para a criança adaptar-se ao novo ambiente (Brazelton, 1994). As mães podem sentir sentimentos ambivalentes, como medo e desejo de sair, sobre deixar suas crianças aos cuidados das babás (McMahon, 1994).

O que motiva os pais a cuidados alternativos e a escola também podem influenciar na escola (& OConnor, 1996). Esta decisão é influenciada por inúmeros fatores entre eles características da criança, tipo de família (uniparental, casais, etc.), características demográficas e nível sócio-econômico. Segundo os autores, a escola alternativa esteve muito mais envolvida com a questão do que a adaptação

Em estudo realizado por

Como já foi assinalado acima, uma questão básica na mediação da adaptação é a qualidade do atendimento, para a qual contribui muito a razão adulto-criança existente na creche. No estudo realizado por Howes (1990), centros de atendimento de alta qualidade tinham razão adulto-criança de 1:4, para crianças até dois anos e de 1:6 a 1:7, para crianças mais velhas. Nos locais de má qualidade, a razão variava de 1:6 a 1:12, para crianças com menos de um ano e 1:10 a 1:15, para crianças maiores. Além disso, crianças em centros de alta qualidade não tiveram mais do que dois cuidadores diferentes no primeiro ano, um cada turno. A média de cuidadores em centros de má qualidade variava entre três e oito. Outros critérios que se destacam são o tamanho do grupo adequado a cada faixa etária; o espaço físico e o planejamento da rotina; condições satisfatórias de trabalho e a formação dos educadores.

Segundo Zigler e Ennis (1989), a baixa qualidade da creche pode resultar em ansiedade e aumento de estresse nos pais. Por outro lado, quanto maior a satisfação da mãe com o cuidado dispensado, menor a sua apreensão em colocar e manter a criança na creche. O comportamento do cuidador é um dos aspectos da qualidade do atendimento mais relevantes para compreender a adaptação da criança à creche. A qualidade dos cuidados pode depender em parte da habilidade dos profissionais de serem responsivos levando em conta os padrões individuais de cada criança (Fein, 1995). Por exemplo, Hestenes, Kontos e Bryan (1993) verificaram que diferentes aspectos da qualidade da creche estiveram relacionados às expressões emocionais da criança, sendo que o melhor preditor do afeto da criança foi o comportamento da educadora (i.e. cuidados apropriados, envolvimento, engajamento e interação, encorajamento de linguagem receptiva e expressiva, horários apropriados e supervisão das atividades). Crianças com educadoras com maior nível de engajamento expressaram mais afeto positivo enquanto aquelas com educadoras pouco

capacidade cognitiva de manter a memória quando ela não está presente. Do mesmo modo, temer pessoas, objetos e situações estranhas, a separação da mãe (Bowlby, 1973/1982; Rodriguez, 1981). No entanto, os bebês de 6-12 meses de idade, que já possuem maior atenção do cuidador, eram freqüentemente deixados fora de vista e se tornavam mais confortáveis com outras crianças pela sua atenção. Apesar disso, nesta fase, os bebês mostraram-se mais confortados. A segunda faixa etária exerce uma influência importante, pois coincide com a fase descrita por Mahler (1975) como crise de reaproximação. Conforme o autor, nesse momento a criança já caminha e procura a mãe, o que de um lado lhe dá prazer, mas também causa ansiedade de separação, fazendo-a retrair. Esse período de crescente consciência é acompanhado, muitas vezes, de um constante medo de perda da criança de perseguição da sua mãe. A ligação emocional da mãe é fundamental neste período. De acordo com Rodriguez (1981) crianças bem adaptadas ao ambiente de creche, que estavam na creche há meses, durante esse período freqüentemente voltavam a protestar na hora de ir para casa, choravam e ficavam grudadas às suas mães logo que entraram na creche. Para o autor, sugerem que o processo de adaptação das crianças a cuidados alternativos não é simples e linear, podendo ocorrer retrocessos ao próprio desenvolvimento infantil.

Rodriguez (1981) também observou que os primeiros dias na creche muitos bebês mostravam comportamento de protesto marcado, enquanto crianças pequenas ficavam generalizadas. Este protesto ativo era freqüentemente substituído por um período de indiferença com um retorno ao protesto quando as rotinas se estabelecerem. As rotinas e ambiente da creche (Howe, 1995).

da creche entre os bebês de 4-5 meses, o que não ocorreu com os bebês de 7-8 meses. Além disso, observaram-se diferenças nas reações na chegada à creche entre os grupos estudados. Enquanto os bebês de 4-5 meses não manifestaram protesto no momento da chegada, dois bebês de 7-8 meses demonstraram, desde o primeiro dia, intenso sofrimento, decorrente da separação da mãe. O choro deles era muito intenso desde o momento da chegada prolongando-se após a partida materna. É possível que a idade destes bebês, na qual é comum uma forte reação frente a estranhos, tenha contribuído para as dificuldades de adaptação.

Outro estudo realizado com educadoras de creche (Rapoport & Piccinini, 2000) também apontou diferenças na adaptação de bebês em função da idade de ingresso (4-5 meses e 8-9 meses). De acordo com as educadoras, a adaptação dos bebês de 8-9 meses requer maior preparação e cuidado, sendo em alguns aspectos uma etapa mais crítica do que a do outro grupo. Entre os cuidados necessários salientados pelas educadoras destacam-se o horário reduzido nos primeiros dias, a organização do tempo na creche e a preparação da adaptação através de atividades específicas. Além disso, o tempo que o bebê demora a se adaptar parece ser menos previsível para os bebês de 8-9 meses do que para os menores. É possível que isto esteja relacionado com as diferenças individuais mais marcantes neste grupo de bebês maiores. Em relação aos indicadores de adaptação à creche, a interação com a educadora, com o ambiente e com outros bebês foram mais citados para a faixa de 8-9 meses enquanto as manifestações afetivas gerais foram mais mencionadas para os bebês de 4-5 meses.

O temperamento é outro fator que tem sido muito citado nos estudos sobre adaptação da criança à creche (Klein, 1991). Por exemplo, uma criança que inicialmente é tímida e retraída diante de situações novas vai eliciar comportamentos diferentes na educadora do que os

No estudo realizado por Zelazo et al. (1993), o temperamento da criança teve significativo na sua adaptação. Entre as dimensões de temperamento preditor mais forte, segundo a autora, seria o humor da criança. Quanto mais positivo a criança era percebida, mais favoravelmente eram julgadas suas adaptações alternativas. Por outro lado, quanto menor o humor da criança, mais adversa era sua experiência inicial. O segundo preditor mais forte era a atividade. Quanto mais ativa era a criança, maior era sua adaptação. O terceiro preditor era a aproximação e afastamento, isto é, quanto maior a distância para experienciar novas situações, maior era a adaptação. Contudo, na avaliação da adaptação da criança feita pela própria mãe, a menor intensidade do temperamento emergiu como preditor mais forte para a adaptação. Segundo Klein (1991), esse resultado pode ter ocorrido porque a mãe e os cuidadores (mãe e educadora) vivem em ambientes diferentes perante a mesma situação da criança. Os autores ressaltam que os resultados desses estudos têm mostrado que a criança provavelmente enfrenta algumas situações de interações iniciais no ambiente que são diferentes daquela com estilo de temperamento mais forte. Essas situações mostram adaptabilidade lenta, ou seja, crianças que vivem no ambiente, apresentam humor instável, afeto e irregularidade nas funções.

Ao examinarem os melhores preditores da adaptação, Klein e Ballantine (1988) também encontraram que as dimensões do temperamento eram preditor para adaptação. A dimensão adaptabilidade lenta foi significativa para pares e pais, e a dimensão humor instável para pais.

fator isolado foi preditivo em 4% a 9% dos casos de problemas de adaptação num estudo com pré-escolares. Os resultados indicaram que fatores de risco isolados presentes na infância não prediziam a adaptação, mas a combinação de dois ou mais fatores de risco esteve associada a problemas de adaptação à creche. Entre estes fatores, temperamento difícil esteve incluído na maioria das combinações que resultou num substancial aumento da preditibilidade. Sendo assim, uma criança, com temperamento difícil, pode não estar em desvantagem num ambiente adequado, com pouco estresse, mas pode ter dificuldades em responder de forma apropriada e adaptativa quando outros estressores estão presentes.

Sem pretender esgotar a análise dos fatores relacionados ao processo de adaptação, dois outros fatores ainda pouco investigados poderiam ser mencionados e que foram examinados por Davies e Brember (1991). Um deles refere-se a diferenças de sexo da criança. Os autores verificaram que a avaliação das educadoras apontava os meninos como mais ansiosos e agressivos e com mais dificuldades de aprendizagem do que as meninas, demorando mais para se adaptar à escola do que meninas da mesma idade. Além disto, eles tendiam a tomar mais o tempo das educadoras. Entretanto, os dados sobre eventuais diferenças sexuais na adaptação não são muito consistentes. Assim, no estudo de Zajdeman e Minnes (1991), os autores não encontraram o sexo da criança nem a interação do sexo com idade como preditores significativos da adaptação da criança aos cuidados alternativos. Outro fator menos investigado seria o turno de freqüência à creche, também estudado por Davies e Brember (1991). Os autores verificaram que as crianças atendidas pela manhã eram, de modo geral, melhor adaptadas do que as atendidas à tarde. Os autores explicaram este resultado pelo fato das educadoras trabalharem nos dois turnos, estando mais cansadas à tarde e serem mais rígidas em seu tratamento e julgamento das crianças deste turno. Além disto, as crianças da tarde

amplamente aceito que contemple os principais fatores e, principalmente, a interação entre Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2000) modelo utilizado para investigar a interação entre de sua família e da educadora durante a adaptação à creche. Este modelo propõe que as significações, de configuração social, para compreender o desenvolvimento humano. Nelas aparecem os componentes individuais (i.e. mãe, bebê e educadora), os campos sociais que podem ou não ser estabelecidos entre elas (i.e. família e creche) e a matriz sócio-cultural, que engloba elementos culturais, econômicos, políticos e

Estratégias para Enfrentar os Eventos Durante a Adaptação à Creche

Cada bebê e criança pequena apresenta uma estratégia específica em relação às diversas situações estressantes que encontrará durante a adaptação à creche, utilizando-se de estratégias para enfrentar esta situações. Desde o nascimento, os bebês são confrontados com inúmeras situações ameaçadoras e desafiadoras que reúnem-se para dificultar a adaptação (Compas, 1987). Todos os bebês devem adquirir formas de enfrentar o sofrimento produzidos pela exposição a estas situações (Skarpness, 1988; Compas, 1987; Karraker, 1994). Para os bebês que vão à creche, as despedidas diárias se constituem em suas primeiras experiências em que terão de enfrentar situações novas, sendo necessário utilizarem estratégias de enfrentamento para se adaptarem a este novo contexto.

Estratégias de enfrentamento incluem respostas a eventos ou episódios estressantes que visam reduzir o estresse (Carson & Skarpness, 1988; Clinger & Clinger, 1981; Karraker e cols., 1994). A criança deve aprender a tolerá-lo (Carson & Skarpness, 1988), ou a lidar com as demandas do ambiente (Compas, 1987).

manifestado. Além disso, uma ocorrência particular pode levar a reações de estresse na maioria dos bebês, mas existem variações na intensidade e tipo de reação dos bebês, resultando em variações nas suas respostas (Karraker & Lake, 1991). Sinais de angústia podem incluir expressões emocionais negativas (chorar e choramingar, expressões faciais como cólera, tristeza e medo), inibição comportamental, evitação ou retraiimento, problemas no sono, na alimentação e adoecimento (Gianino & Tronick, 1988, citados por Karraker & Lake, 1991).

No estudo de Karraker e colaboradores (1994), mães de bebês de três a 18 meses foram questionadas sobre as reações de seus bebês a uma larga variedade de eventos cotidianos estressantes. Com base nos resultados os autores elaboraram uma lista de eventos estressantes, muitos dos quais ocorrem no próprio contexto da creche, a saber: 1) eventos físicos (fome, fraldas molhadas e sujas, ser trocado/despido, cair ou bater-se, barulho); 2) eventos interpessoais (terminar uma interação prazerosa, ser deixado sozinho, ser colocado para dormir, ser deixado com uma babá, retorno dos pais depois de uma curta separação, exposição a pessoas não familiares); e, 3) mudanças no ambiente (dormir num novo lugar ou horário, mudança de alimentação, nova rotina de banho). Com base nestes eventos estressantes os autores propuseram duas categorias para classificar estratégias de enfrentamento de bebês e crianças pequenas: estratégias corporais (representam reações físicas e corporais) ou psicológicas. As estratégias psicológicas podem estar focalizadas na emoção (para o bebê tranqüilizar-se) ou no problema (para tentar resolver a situação que causa estresse). Além disto, podem ser realizadas pelo bebê de forma independente ou com auxílio de um adulto, ou ainda serem antecipatórias (manifestam-se antes do evento estressante, quando o bebê percebe que ele está para ocorrer).

As estratégias de enfrentamento durante a infância são afetadas por fatores individuais e ambientais e o grau

estressantes, com as quais elas
estratégias de enfrentamento. Elas
se a despedida da mãe/pai, o
relacionamento com a educação
novas rotinas, a necessidade de
as refeições e o sono.

Em contraste com as separações em situações de laboratório, o pai depois de muitas horas de reconstrução do vínculo com o investimento com o cuidado das atividades da creche (Varin e outros, 2000). De acordo com os autores, esta mudança é mais sensível nas crianças do que outras, assim como é mais sensível do que outros às novas situações. Algumas vezes, reencontrando o pai mesmo depois da criança ter tido uma experiência positiva na creche sem problemas. Crianças resistentes podem reaparecer no reencontro e depois desaparecer.

Field e colaboradores despedidas diárias e os comentários dos dois membros da diáde; a criança era deixada e buscas observadas crianças entre 3-69 meses integral. Os autores verificaram que de despedida e reencontro difere da criança, sexo, do tempo que o e sexo do genitor que trazia os estilos de despedida/reencontro mantiveram certos padrões de observações. Durante o período, as pequenas mostraram-se mais ansiosas, mesmo já experienciando desespero infância precoce. Enquanto o sofrimento significativamente aumentou o choro ao longo do dia, sugerem que estes comportamentos

a criança na creche, aquelas que se mostravam angustiadas na despedida eram ambivalentes nas reuniões.

Outro estudo que se destacou ao investigar as estratégias de enfrentamento das crianças que freqüentam a creche foi desenvolvido por Jonsson, Elwin e Weingarten (1988) com crianças entre um e três anos. Os autores realizaram observações no momento que a criança era deixada na creche por seus pais e na hora em que dormiam na creche. Concluíram que as separações matinais das crianças de seu pai ou mãe constituíam-se num processo complexo e longo. Apesar das crianças estarem freqüentando a creche há pelo menos cinco meses, as reações à separação continuavam fortes em muitos casos. Os autores verificaram, ainda, que o momento da separação compreendia duas fases: a fase em que a criança era deixada na creche e a fase de adaptação, desde a saída do pai/mãe até a criança ter um nível de atuação esperado para sua idade. Durante a primeira fase, muitas crianças não se mostravam inclinadas a deixar a recepção nem tampouco tendiam a se aproximar da equipe ou de outras crianças. Quando chegava o momento dos pais irem embora, as reações de evitação eram prevalentes. Como regra olhavam para seu pai/mãe aparentemente controlando o impacto de tê-las deixado. As reações emocionais imediatas pareciam de negação e após um curto período o impacto emocional da partida era evidente. As crianças podiam ficar caladas, tristes, ansiosas ou ter reações neutras. Nesta primeira fase o pai/mãe e a criança controlavam mutuamente seus comportamentos. O processo de separação teve algumas regularidades para as diádes pai/mãe-criança e traços ritualísticos para cada diáde, como por exemplo, a forma com que cada pai/mãe marcava o momento em que ele/ela estava saindo. Durante a adaptação à separação as crianças usavam a equipe da creche como fonte de segurança e contato. Os resultados indicaram também que o fato de ser o pai ou a mãe quem levava tinha efeito nas reações da criança.

Juntos estes estudos apontam para umas pesquisas que investiguem as estratégias utilizadas pelos bebês e crianças pequenas que freqüentam a creche. É inegável que a entrada na creche traz uma experiência potencialmente estressante. Conhecendo as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos bebês e crianças, se poderá compreender melhor o processo de adaptação e planejar intervenções para minimizar as possíveis dificuldades de adaptação.

Considerações Finais

A revisão da literatura aponta para diferentes tipos de reações da criança à separação materna, de curta duração ou prolongada. Estudos recentes sugerem que estas reações podem estar associadas a diversos fatores, entre eles as diferenças individuais da criança pequena (temperamento, idade, sexo), a sua relação que mantém com os pais antes da separação, as condições nas quais a separação ocorre, os cuidados, a duração da separação e grandeza dos sentimentos e atitudes dos pais.

Dentro desta perspectiva, muitas pesquisas têm sido realizadas com o objetivo de examinar as reações das crianças a diferentes tipos de cuidados alternativos, a curto e longo prazo, e o desenvolvimento emocional. Estas pesquisas têm apresentado resultados inconsistentes quanto às consequências da ida à creche. Algumas pesquisas sugerem que a separação de um dia é de risco de apego inseguro para bebês quando comparada a outras formas de cuidados alternativos durante o primeiro ano de vida. Outras pesquisas mostram que a separação de mais de 20 horas semanais, enquanto que a separação de um dia, não encontraram esta associação. Na verdade, a idade de ingresso em cuidado alternativo e a duração do atendimento é fundamental e interage com outros fatores, constituindo-se num fator mediador da adaptação. Embora haja consenso quanto à importância da qualidade da creche para o desenvolvimento da criança, só recentemente

e o período entre 15 e 22 meses, quando, em pleno processo de individuação, a criança caminha para longe da mãe e depois necessita retornar à ela para reabastecer-se emocionalmente. Nestes períodos tenderia a ocorrer um pouco mais de dificuldades durante a adaptação e bebês que já se apresentam adaptados podem, inclusive, apresentar retrocessos.

Na verdade, não existe muito consenso nem mesmo sobre o próprio conceito de adaptação à creche, e menos ainda sobre os fatores que estão mais associados a este processo e como os bebês enfrentam as situações estressantes deste período. A adaptação à creche é um processo gradual em que cada criança precisa de um período de tempo diferente para se adaptar, sendo importante respeitar o ritmo da própria criança e não impor um período pré-determinado para a adaptação. O período de adaptação pode ser mais longo para bebês recebendo cuidados alternativos de má qualidade ou vindo de famílias com problemas. Além disso, faltas freqüentes ou irregularidades nos horários de entrada e saída dificultam a adaptação, que pode se estender por mais tempo. São comuns também regressões no processo de adaptação depois da criança já ter se mostrado adaptada. Dentre as reações manifestadas na adaptação aos cuidados alternativos o choro tende a ser a mais comum entre crianças durante este período, especialmente na chegada quando a criança é deixada pelos pais, como na saída, quando os pais retornam para buscá-la. Mas o choro não é a única reação de perturbação possível por parte da criança. Gritos, mau humor, bater, deitar no chão, passividade, apatia, resistência à alimentação ou ao sono, comportamentos regressivos e a ocorrência de doenças também são indicadores freqüentes de dificuldades na adaptação.

Além da chegada e da saída, vários outros momentos e eventos são particularmente estressantes, como por exemplo a hora de comer, dormir, troca de fraldas ou ida ao banheiro, mudanças de horário e hábitos, mudança de ambiente, separação da mãe, entre outros.

semana; a cada dia da semana; permitir a criança apenas uma ou duas crianças, e permitir que a criança permaneça no primeiro dia; permitir a criança permanecer durante a adaptação, no início da adaptação, na sala de espera da creche; permitir que a criança permaneça das primeiras refeições na creche; permitir que a criança permaneça reduzido de bebês e crianças; permitir que a criança permaneça educadora; evitar ao máximo a rotina da creche; facilitando uma relação estável entre a mãe e o bebê; permitir que a criança permaneça na rotina e permitir que o familiar permaneça na rotina; permitir que o familiar esteja seguro quanto aos cuidados que a creche presta; garantir a segurança do familiar acabará com a adaptação do bebê e da criança; permitir que a criança permaneça confiante no ambiente e nas pessoas que a rodeiam.

Os estudos revisados confirmaram a existência de compreensão sobre o processo de adaptação à creche. Os resultados sugerem que muito ainda precisa ser feito para que os estudos poderiam contribuir para a melhoria da adaptação de bebês e crianças. Pode-se sugerir que é necessário estudar quais as rotinas na creche que permitem organizar o espaço físico, o tempo, a rotina, a forma como deve ser a formação de pais, a forma como deve ser acompanhada a família cujo filho vai ingressar na creche.

Referências

- Ainsworth, M., Blehar M., Waters, E. & Sroufe, L. (1978). *Formação de vínculo: o desenvolvimento da ligação entre mãe e filho*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
Amaral, M. F., Morelli, V., Pantoni, R. & Balaban, N. (1988a). *Adaptação de bebês e crianças à creche*. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ.
Amaral, M. F., Morelli, V., Pantoni, R. & Balaban, N. (1988b). *Alimentação de bebês e crianças: mediadores, interações e programação*. Brasília: Editora Brasileira de Desenvolvimento Humano, Ed. 1.
Averbuch, A. R. (1999). *Adaptação de bebês e crianças à creche: o processo de adaptação no segundo semestre de vida*. Dissertação de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pôrto Alegre: Artes Médicas.
Balaban, N. (1988a). *O início da vida escolar*. Rio de Janeiro: Artes Médicas.
Balaban, N. (1988b). *Separation: An operation of the child's mind*. Washington, DC: American Psychological Association.
Braz, M. (1990). *Introdução à psicologia social*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Bowlby, J. (1958). The nature of the child tie to his mother. *International Journal of Psychoanalysis*, 39, 350-373.
- Bowlby, J. (1990). Apego: A natureza do vínculo (A. Cabral, Trad.). Em J. Bowlby (Org.), *Trilogia Apego e Perda* (2^a ed., Vol.1). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1969)
- Bowlby, J. (1995). *Cuidados maternos e saúde mental* (V. L. B. Souza & I. Rizzini, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1976)
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: Aplicações e linhas da teoria do apego* (S. M. Barros, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bowlby, J. (1993). Separação (L.H.B. Hegenberg, O. S. Mota & M. Hegenberg, Trad.). Em J. Bowlby (Org.), *Trilogia Apego e Perda* (2^a ed., Vol.2). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1973)
- Brazelton, T. B. (1994). *Momentos decisivos do desenvolvimento infantil*. (J. L. Camargo, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.
- Carson, D. K. & Skarpness, L. R. (1988). Contributors to children's coping: A developmental overview. *Wellness Perspectives*, 2, 21-25.
- Castoldi, L. (1997). *As configurações familiares e a história de perdas e separações na família: implicações para a adaptação da criança à pré-escola*. Dissertação de Mestrado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Chase-Lansdale, P. L. & Owen, M. T. (1987). Maternal employment in a family context: Effects on infant-mother and infant-father attachments. *Child Development*, 58, 1505-1512.
- Clarke-Stewart, K. A. (1989). Infant day care: Maligned or malignant? *American Psychologist*, 44, 266-273.
- Compas, B. (1987). Coping with stress during childhood and adolescence. *Psychological Bulletin*, 101, 393-403.
- Davies, J. & Brember, I. (1991). The effects of gender and attendance period on children's adjustment to nursery classes. *British Educational Research Journal*, 17, 73-82.
- Davis, N. S. & Thornburg, K. R. (1994). Child care: A synthesis of research. *Early Child Development and Care*, 98, 39-45.
- England, B. & Hiester, M. (1995). The long-term consequences of infant day-care and mother-infant attachment. *Child Development*, 66, 474-485.
- Fein, G. G., Gariboldi, A. & Boni, R. (1993). The adjustment of infants and toddlers to group care: The first six months. *Early Childhood Research Quarterly*, 8, 1-14.
- Fein, G. G. (1995). Infants in group care: Patterns of despair and detachment. *Early Childhood Research Quarterly*, 10, 261-275.
- Field, T., Gerwitz, J. L., Cohen, D., Garcia, R., Greenberg, R. & Collins, K. (1984). Leave-takings and reunions of infants, toddlers, preschoolers and their parents. *Child Development*, 55, 628-635.
- Gamble, T. J. & Zigler, E. (1986). Effects of infant day care: Another look at the evidence. *American Journal of Orthopsychiatry*, 56, 26-42.
- Goldberg, W. A., Greenberger, E. & Nagel, S. K. (1996). Employment and achievement: Mother's work involvement in relation to children's achievement behaviors and mother's parenting behaviors. *Child Development*, 67, 121-136.
- Karraker, K. H. & Lake, M. A. (1991). Normative stress in infancy. Em E. M. Cummings, A. L. Green (Orgs.), *Life-span developmental psychology: Life-span coping* (pp. 85-108). Hillsdale: Erlbaum.
- Karraker, K. H., Lake, M. A. & Parry, T. B. (1994). Everyday stressful events. *Merrill-Palmer Quarterly*, 40, 128, 585-595.
- Klein, H. A. (1991). Temperament and childhood growth: A cross-cultural comparison. *Early Childhood Research Quarterly*, 6, 224.
- Lazarus, R. S. & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. Springer.
- Lordelo, E. A. (1997). Efeitos da experiência de creche na criança: Uma revisão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 11, 1-10.
- Mahler, M. (1982). *O processo de separação-individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- McCartney, K. & Galanopoulos, A. (1988). Child care: A new frontier the second time around. *American Journal of Orthopsychiatry*, 58, 16-24.
- McKim, M., Stuart, B. & O'Connor, D. L. (1996). Individual and precare differences hypotheses. *Early Education and Development*, 119.
- McMahon, L. (1994). Responding to defences against stress in young children. *Early Child Development and Care*, 98, 39-45.
- NICHD Early Child Care Network (1997). The effects of infant-mother attachment security: Results from a national sample of early child care. *Child Development*, 68, 860-875.
- Oliveira, Z. M., Mello, A. M., Vitória, T. & Rossetti-Ferreira, M. C. (1997). *Creches: Crianças, faz de conta & cia*. Petrópolis: Vozes.
- Rapoport, A. & Piccinini, C. A. (2000). *Concepções de educação infantil e bebês à creche*. Manuscrito submetido para pós-graduação em Psicologia. UFRGS.
- Rizzo, G. (1984). *Creche: Organização, montagem e funcionamento*. Francisco Alves.
- Rodriguez, D. T. (1981). Infant day care: How very different! *Children Today*, 10-12.
- Roggman, L. A., Langlois, J. H., Hubbs-Tait, L. & Johnson, C. (1994). Infant day-care, and the "file drawer effect". *Child Development*, 65, 1429-1443.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. S. & Vitória, T. (1997). *Infant day care: um estudo sobre o quanto contexto possível de desenvolvimento infantil é necessário*. Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Físico, 11, 1-10.
- Rossetti-Ferreira, M. C. & Amorim, K. (1996). *Relações entre a infância e a creche durante o processo de inserção de bebês*. Trabalho apresentado no Simpósio Latino-Americano de Atenção à Criança. Brasília.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. & Silva, A. P. S. (1998). *Proposta teórico-metodológica para análise do desenvolvimento infantil no processo de investigação*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11, 1-10.

O Ingresso e Adaptação de Bebês e Crianças Pequenas à Creche

- Varin, D., Crugnola, C. R., Molina, P. & Ripamonti, C. (1996). Sensitive periods in the development of attachment and the age of entry into day care. *European Journal of Psychology of Education*, 11, 215-229.
- Vitória, T. & Rossetti-Ferreira, M. C. (1993). Processos de adaptação na creche. *Cadernos de Pesquisa*, 86, 55-64.
- Zajdeman, H. S. & Minnes, P. M. (1991). Predictors of children's adjustment to day care. *Early Child Development and Care*, 74, 11-28.
- Weinraub, M. & Lewis, M. (1977). The determinant of children's responses to separation. *Monographs of Society for Research in Child Development*, 172, 42(4).
- Zigler, E. & Ennis, P. (1989). The child psychology, 30, 116-125.

Sobre os autores:

Andrea Rapoport é psicóloga, doutoranda do curso de pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento da UFRGS.

Cesar Augusto Piccinini é psicólogo, doutor em Psicologia (Inglaterra), pesquisador do CNPq e professor do Instituto de Psicologia da UFRGS.